

E o desenho tem e encontra neste enlace essa competência, a capacidade de nos permitir o acesso a uma espessura do real indelevelmente insustentável através de qualquer outro meio. Isso ser-nos-á permitido em duplos balanços, ora pela profundidade e precisismo com que vai a fundo no detalhe e o rigor das matérias, pela forma como desvela e aglomera planos, composições e perspectivas em reconstituições de escala, imaginação e memória de arquiteturas e habitações resultantes em imagens de uma percepção insuspeitável, até ao modo como trabalha o posicionamento e o corpo dos *limites*: Limites de imagem e de representação, limites de corpo e tensão. Tal como a **Cerca**, 2016, na sua leitura quadrupla, se suspende e afirma perante o anular do seu chão, afirmar-se também enquanto limite de entre este e o outro. Tal como nos permite o acesso às costas de dois *Altars Barrocos* - **O que tende a não ser**, 2019, apresentando-nos a imensidão da sua composição e revelando-nos a permissão de um outro limite suspenso. Assim como assume o relevo dos **interstícios urbanos**, 2012 afirmados sobre os limites da sua segregação métrica.

Num aglutinar poderíamos somar que a obra de Rui Neto encaixa-se sobre duas chaves: uma primeira, a ordem expressa pelas permissões e acessos que estabelece no lugar do Desenho e uma segunda, sobre a espessura - que neste seguimento encontra - no campo da representação, circundando algures entre um espaço físico e temporal que será o da criação de imagens indemarcáveis e fecundas diante daquilo que procura comunicar:

João Terras (setembro 2019)

Exposição patente de 6 setembro a 4 de outubro 2019

#### AGRADECIMENTOS

Graciela Machado, Marco Vaqueiro, Maria João Dias Costa e Paulo Oliveira.



#### FICHA TÉCNICA

Direção | Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção artística | José Maia

Curadoria *o que tende a não ser* | José Maia e João Terras

Texto crítico | João Terras

Assistente de Galeria | Patrícia Barbosa

Fotografia | Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa e José Vaz Silva

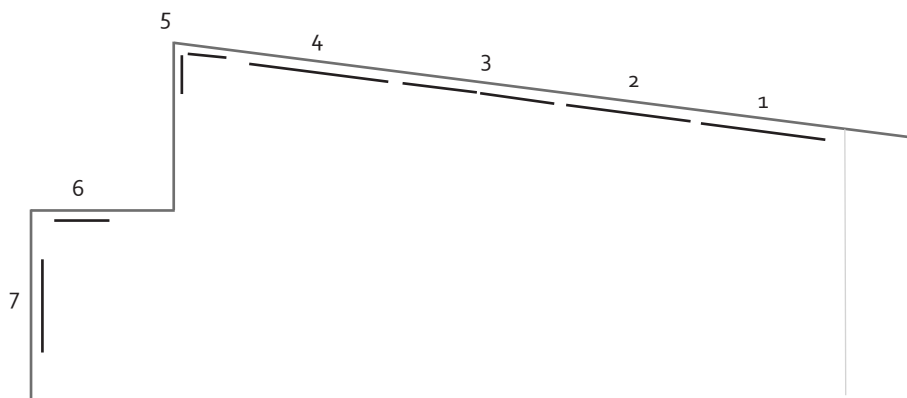
Vídeo | Patrícia Barbosa

Website | Pedro Monteiro

## o que tende a não ser

Rui Neto





## A espessura do visível

*A Cerca é extensa e excêntrica, foi o desenho que a montou.* (nas palavras do artista).

Santo Agostinho afunilava a questão quando escreveu: *ele (o tempo) porque tende a não ser?*

Sobre o inegável ponto de partida diante do Tempo, o lugar sobre o qual caímos nesta questão será o da imensidão da existência. Nem sobre o lugar irreversível do pretérito nem sobre o potencial inacessível do sequente, a procura insaciável por um corpo do presente adivinharia ao filósofo de Hipona a espessura de uma possibilidade para a existência real do Tempo. O Tempo seria então da ordem do incorporável, do indivisível, do indemarcável. Esta consideração confere à percepção do Tempo uma existência presente, ativa sobre as imagens-vestígios do passado e as premeditações especulativas do futuro, num encaixe infinitamente divisível, onde nunca uma imagem será decididamente passado nem insustentavelmente futuro. A imagem é presente, tudo sobre o qual olhamos *é o que tende a não ser*, é presente de uma memória em processo, de um arquivo em acumulação, de uma realidade sem referente.

As imagens de Rui Neto percorrem este sentir existencial, transitam entre diferentes lugares, comunicam divisíveis realidades, acopulam camadas entre o individual e o coletivo, procuram por final a sua existência enquanto matéria da ordem do incorporável, do indivisível, do indemarcável.

Não se definem como representações de uma ficção plena, tratam-se de imagens de uma realidade outra, de um acesso ao real expandido e estendido, de uma permissão à imaginação que existe aqui enquanto meio de representação de uma imagem aproximada. Os resultados constitutivos acedem desta maneira a um lugar paralelo à percepção do tempo em cima tratada, tornando-se assim imagens de uma extensão do não visível, cruzando tempos, medidas e campos de possibilidades múltiplos.

Depois da presença em exposições coletivas como “Um encontro inesperado com o diverso” (2012) e o “O passeio, a escuta e o respirar da ação” (2015) no Espaço MIRA, Rui Neto sequencializa agora nesta sua exposição individual - entre inéditos, trabalhos passados e trabalhos recentes - aquilo pela qual premedita a sua prática: *o desenho e a sua ordem enquanto referente*.

Existe essa percepção, direta por parte do artista, de um domínio do lápis (a grafite enquanto matéria) sobre papel, um domínio que não se define somente numa direção técnica mas que se encontra por uma percepção de mediação compatível entre aquilo que será o lugar da procura por parte de quem cria em paralelo com aquilo que permeia alcançar.

Nos trabalhos morosos e subversivos de Rui Neto, somos beliscados para a permissão do desenho quando este acede à espessura da gramagem da matéria, à planimetria do tempo, ao volume da memória e à grossura da imaginação.

### 1. **Intertícios Urbanos\_Gravuras, 2012**

1 a 5, projeção horizontal,  
interstício urbano,  
água forte sangrada  
5 x (50x33,5 cm)

### 2. **No sentido da noite, 2018**

1 a 4, grafite sobre papel 300 g.,  
papel acetinado  
4 x (23x31,5 cm)

### 3. **There is a light that never goes out, 2018**

1 a 4, grafite sobre papel de arches de aguarela  
300 g., papel acetinado  
4 x ( 94,0 x 66,5 cm)

### 4. **Cerca, 2016**

1 a 4, grafite sobre papel de arches de aguarela  
300 g., papel acetinado  
4 x (104,4x 66,5 cm)

### 5. **Banalidade do mal, 2018**

grafite sobre papel de arches de  
aguarela 300 g., papel acetinado  
2 x (52 x 67 cm)

### 6. **Livro de Rezam, 2019**

1 e 2  
grafite sobre papel 300 g., papel  
acetinado  
2 x (23x31,5 cm)

### 7. **O que tende a não ser, Mosteiro de São Martinho de Tibães, Mosteiro de São Miguel De Refojos de Basto, 2019**

1 e 2  
grafite sobre papel de arches de  
aguarela 300 g., papel acetinado  
2 x (102,4 x 66,5 cm)